

O homem do aço

O arquiteto Siegbert Zanettini foi pioneiro na utilização da liga metálica; o projeto de ampliação do Centro de Pesquisas da Petrobras é sua grande obra.

Fascinado por engenharia, o arquiteto Siegbert Zanettini computa mais de 50 anos de profissão e diversas experiências com madeira – gosto que herdou do pai marceneiro – e aço, modificando pouco a pouco a história da arquitetura brasileira. Sempre em busca de novas tecnologias, o autor dos projetos da Escola Panamericana de Arte e do Hospital Albert Einstein parece haver encontrado seu trabalho mais emblemático: o Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes), na Ilha do Fundão (RJ). Em entrevista à **Construção&Negócios**, ele relembra sua trajetória.

Construção&Negócios – Quando descobriu que queria ser arquiteto?

Siegbert Zanettini – Por volta de 1950, no terceiro ano do ginásio. Um professor do Dante Alighieri viu um desenho meu que lembrava o Oscar Niemeyer – uma piscina em forma de ameiba, coisa bastante inusual naquele momento. Nenhum aluno faria um desenho de obra, mas sim de moça, de gente, de bicho. O professor me disse: “você será arquiteto”. A partir daí, ele ficou muito ligado em mim, quase como um professor particular, e sempre me solicitava desenhos. Isso foi muito forte na minha formação.

C&N – Quando começou a inovar?

Zanettini – Fui talvez um dos primeiros a questionar a arquitetura moderna. Por coincidência ganhei, na década de 60, um concurso da prefeitura de São Paulo para projetar a maternidade de Vila Nova Cachoeirinha, com figurino mais moderno e um avanço tecnológico brutal para um hospital daquela época. Também usei cor – até então o hospital era verde e cinza; empreguei amarelo, vermelho e azul. Essa obra é um marco na arquitetura hospitalar brasileira. O resultado dessa experiência foi que a prefeitura gostou tanto do projeto que me contratou para fiscalizar a obra.



Foto: Raquel Guedes

Unidade Anália Franco do Hospital São Luiz, em São Paulo (SP).

C&N – Como foi sua primeira experiência com madeira?

Zanettini – Em 1969 fiz a residência de Paulo Amaral Gurgel; tinha toda a cara de casa, só que foi a primeira obra efetivamente industrializada no Brasil, com madeira cultivada, dentro dos parâmetros que hoje chamam de sustentáveis. Empreguei vigas de madeira de 15 a 20 metros, feitas com tábua de pinho. Fiz 30, 40 casas assim.

C&N – Qual era a reação diante desse tipo de projeto?

Zanettini – Aquela casa deu o que falar na faculdade. Eu já era

A revista Construção&Negócios se propõe a elucidar questões do segmento, além de aproximar empresas fabricantes de produtos/valores junto a escritórios de arquitetura e construtoras. Por isso, criou os projetos *Arquitetura em Foco* e *Construção em Foco*, que consistem na organização de encontros com esses públicos. O resultado de tais ações será publicado na revista e, ao final de um ano, editado em livro, compondo assim o cenário atualizado do que o Brasil tem de melhor nesses setores.

Siegbert Zanettini: história do uso inteligente do aço no Brasil.



Foto: Beto Mousalili

Patrocínio do projeto:



professor da Fau [Faculdade de Arquitetura e Urbanismo] e alguns alunos viram a placa “Zanettini” em uma residência com tijolinhos; eles diziam que eu havia me vendido para a burguesia, mas estava era mudando a forma de fazer arquitetura. Os alunos queriam que eu explicasse aquilo e eu dei uma das melhores aulas da minha vida, nesses meus 40 anos como professor, que foi sobre a madeira no Brasil. Todo mundo ia visitar, fotografar a sua utilização na casa.

C&N – E o “affair” com o aço?

Zanettini – Foi essa base tecnológica que me levou, na década de 70, para a área industrial. Fiz umas 50 indústrias com novos sistemas pré-fabricados, com composições de telha de cimento e aço. Em 1972 já tinha bom nome nesse segmento e a fábrica de autopeças De Maio Gallo me solicitou uma nova planta, em Cumbica [Guarulhos, SP]. Nessa época, já havia feito algumas experiências isoladas com aço. A empresa me pediu para orçar o sistema mais adequado para a execução da obra e optei pela liga metálica. Apresentei o orçamento e o aço era mais barato, além de eliminar pilares, fechamentos, fundações; tinha dois meses para fazer as fundações e 35 dias para montar a fábrica. Isso era uma revolução na época – enquanto fazia a fundação, a empresa fabricava os perfis. Aos poucos, fui construindo a história do aço no Brasil. Nas minhas experiências, vi que estava tudo ao contrário, não se ensinava aço nas escolas, não tinha professor e nem literatura disponível sobre o assunto. Fui experimentando com o material; fui fazendo e foi dando certo.

C&N – A indústria atendia à demanda de aço?

Zanettini – Não existia indústria. As poucas que existiam eram precárias. Eram familiares, gerenciadas pelos donos, que tinham uma visão muito tacanha em relação a um processo de desenvolvimento. E não havia o principal: a siderúrgica; não se faz aço sem ela. Tinha a CSN, fundada pelo Getúlio Vargas em 1946; porém, na década de 50, a indústria automobilística começava a crescer, então os perfis e as chapas finas eram destinados aos carros e geladeiras, e se esqueceu da construção civil.

C&N – O que é o projeto de ampliação do Centro de Pesquisas da Petrobras?

Zanettini – Essa obra sintetiza minha grande experiência na área do aço, onde, por várias razões, experimentei avanços específicos e diversos sistemas. A Petrobras, quando abriu concurso, escolheu a dedo alguns arquitetos com formação tecnológica e sensibilidade. A demanda era por uma obra bonita para o maior laboratório da América, no qual 4.600 cientistas

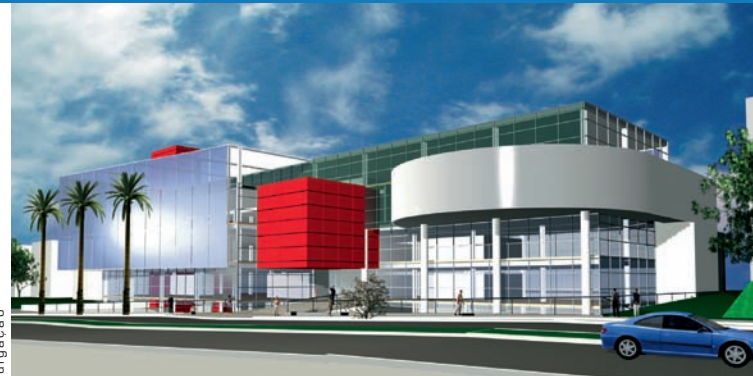


Foto: divulgação

Perspectiva do projeto da nova sede da Reitoria da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, (SP).

irão trabalhar, e que será ecoeficiente. Essa será uma obra fantástica, dos “Dubais” da vida. Ela é o maior desafio técnico deste país, e tudo foi calculado em laboratório. O empreendimento, que tem como co-autor o José Wagner Garcia, está orçado em R\$ 840 milhões.

C&N – Qual sua definição para arquitetura contemporânea?

Zanettini – Arquitetura é um ponto equilibrado e harmônico entre o mundo racional e a sensibilidade. Não se faz arquitetura sem a junção das diversas ciências; se vistas globalmente, elas dão uma visão sistêmica importante, na qual a obra não é mais aquela coisa que se resolve no canteiro, mas é pré-resolvida, planejada e projetada. A arquitetura, porém, precisa da sensibilidade, da emoção; depende de invenção, de ousadia, é preciso andar sob o fio da navalha. Ela precisa causar espanto, prazer, paixão, encantamento, sonho. Você tem de estar além do tempo para pensar em sustentabilidade e em ecoeficiência. **C&N**

RADIOGRAFIA

Nome do escritório: Zanettini Arquitetura, Planejamento e Consultoria LTDA.

Localização: São Paulo (SP).

Site: www.zanettini.com.br

Histórico: o arquiteto Siegbert Zanettini, diretor geral do escritório que leva seu nome, é professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Foi sócio do urbanista Cândido de Malta Campos até 1967. No fim da década de 60 fazia parte da escola paulista, formada por arquitetos de vanguarda. Projetou uma escola em Dracena, em 1976, que alguns arquitetos consideram uma das melhores obras em aço. Em 1976 e 1977, época do boom na economia financeira no país, Zanettini fez cerca de 126 agências. Sempre inovando, construiu a história do aço na construção brasileira.

Expertise: projetos de arquitetura e urbanismo para áreas diversas.

Divisão das equipes: estabelecidas de acordo com a complexidade do projeto e com a experiência de cada profissional.

Número de funcionários: 19.

Projetos finalizados: 1.200, somando 5 milhões em m².

Projetos em destaque: ampliação do Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes), no RJ; Hospital São Luiz (unidade Anália

Franco), Hospital São Camilo (unidade Pompéia), ambos em São Paulo (SP); e nova sede da reitoria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, também em SP).

Projetos premiados: Escola Panamericana de Arte (Prêmio Destaque na II Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo), nova sede do Centro Virtual de Cultura – Escola do Futuro – Universidade de São Paulo (Prêmio Master no 2º Grande Prêmio de Arquitetura Corporativa) e Unidade Avançada Perdizes do Hospital Albert Einstein (Prêmio Destaque – Sustentabilidade, no IV Grande Prêmio de Arquitetura Corporativa).

Projetos em andamento: 12.

Média de projetos por ano: 30.

Serviços terceirizados: especialidades que compõem com o projeto de arquitetura.

Critério para a escolha de materiais de construção: desempenho, qualidade, durabilidade, estética e adequação a cada função.

Organograma: Siegbert Zanettini (diretor presidente), Mônica Zanettini (diretora administrativa), Luciana Zanettini (diretora comercial) e Adriana Zanettini Fabrício (diretora de marketing e eventos).

Planos futuros: “estar além do meu tempo; não sei o que virá, mas serão coisas novas. Estou louco para fazer um novo projeto”.